

### CANTIGA DO ROSTO BRANCO\*

Rico era o rosto branco; armas trazia,  
E o licor que devora e as finas telas;  
Na gentil Tibeíma os olhos poussa,  
E amou a flor das belas.<sup>1</sup>

5 “Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;<sup>2</sup>  
“Quando, junto de ti, teus olhos<sup>3</sup> miro,  
A vista se me turva, as forças perco,  
E quase, e quase expiro.”<sup>4</sup>

E responde a morena requebrando  
10 Um olhar doce, de cobiça cheio:  
“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;  
Aperta-me em teu seio!”<sup>5</sup>

---

\* Esta edição do poema “Cantiga do rosto branco” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: AM1875 (p. 137-140), PC1937 (p. 335-338), PC1953 (p. 358-361), OCA1959 (v. III, p. 241-242), PCEC1976 (p. 436-438), OCA1994 (v. III, p. 225-226), MACV1998 (p. 63-69), TPCL (p. 262-264), PCRR (p. 371-373) e OCA2015 (v. 3, p. 657-659). Texto-base: AM1875. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em AM1875, há uma nota junto ao título, sinalizada por um asterisco entre parênteses, que remete ao rodapé, onde se lê: “Veja nota no fim.” Ao final do volume (p. 207), lê-se o seguinte: “**Nota X** / CANTIGA DO ROSTO BRANCO..... pág. 134 [na verdade 137] / Não é original esta composição; o original é propriamente indígena. Pertence à tribo dos Mulcogulges, e foi traduzida da língua deles por Chateaubriand (*Voy. dans l’Amér.*). Tinham aqueles selvagens fama de poetas e músicos, como os nossos Tamoios. ‘Na terceira noite da festa do milho, lê-se no livro de Chateaubriand, reúnem-se no lugar do conselho; e disputam o prêmio do canto. O prêmio é conferido pelo chefe e por maioria de votos: é um ramo de carvalho verde. Concorrem as mulheres também, e algumas têm saído vencedoras; uma de suas odes ficou célebre.’ / A ode célebre é a composição que trasladei, para a nossa língua. O título na tradução em prosa de Chateaubriand é – *Chanson de la chair blanche*. / Sobre o talento das mulheres para a poesia, também o tivemos em tribos nossas. Veja FERNÃO CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão*.” Sobre a localização desta “Nota” nas diversas edições, ver nota 17. Os índios que Machado de Assis chama “Mulcogulges”, e Chateaubriand chama “Muscoculges”, são os índios “creeks” (que ocupavam o sudeste da América do Norte) – “muskogee” é a língua falada por eles (Cf. GLEDSON, in: MACV1998, p. 9 e p. 65).

<sup>1</sup> Em TPCL, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes.

<sup>2</sup> aldeia;] aldeia, – em PC1937; aldeia. – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>3</sup> teus olhos] meus olhos – em OCA1959 e em OCA1994.

<sup>4</sup> expiro.”] expiro”. – em PC1937 e em PC1953.

<sup>5</sup> seio!”] seio!”. – em OCA2015.

15 Uma cabana levantaram ambos,  
O rosto branco e a amada flor das belas...  
Mas as riquezas foram-se coo tempo,  
E as ilusões com elas.

20 Quando ele empobreceu, a amada moça  
Noutros lábios pousou seus lábios frios,  
E foi ouvir de coração estranho  
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco  
Triste nova colheu; mas ele amava,  
Inda infieis, aqueles lábios doces,  
E tudo perdoava.

25 Perdoava-lhe tudo, e inda corria  
A mendigar o grão de porta em porta,  
Com que a moça nutrisse, em cujo peito  
Jazia a afeição morta.

30 E para si, para afogar a mágoa,  
Se um pouco havia do licor ardente,<sup>6</sup>  
A dor que o devorava e renascia  
Matava lentamente.

35 Sempre traído, mas amando sempre,  
Ele a razão perdeu; foge à cabana,<sup>7</sup>  
E vai correr na solidão do bosque  
Uma carreira insana.

40 O famoso Sachém,<sup>8</sup> ancião da tribo,  
Vendo aquela traição e aquela pena,  
À ingrata filha duramente fala,  
E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,<sup>9</sup>  
Que o lábio do homem acha doce e puro;<sup>10</sup>  
Coração de mulher que já não ama  
Esse é inda mais duro.

<sup>6</sup> ardente,] ardente – em PC1937.

<sup>7</sup> cabana,] cabana. – em PC1953.

<sup>8</sup> MACV1998 (p. 67) traz a seguinte nota de John Gledson: “*Sachem*, palavra já incorporada ao vocabulário da língua inglesa, tem origem no ramo algonquino das línguas indígenas da América do Norte. Significa ‘chefe’, de uma tribo ou de uma confederação de tribos.” A palavra consta, também, do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (1999 e versão *on-line*), e o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (de Laudelino Freire) lhe atribui a seguinte significação: “Membro do conselho da nação, nos povos índios da América do Norte.”

<sup>9</sup> É duro o fruto da papaia,] E duro o fruto da papaia, – em PC1937.

<sup>10</sup> Que o lábio do homem acha doce e puro;] Que o homem acha doce e puro; – em PC1937.

- 45 Nu, qual saíra do materno ventre,  
Olhos cavos, a barba emaranhada,  
O mísero tornou, e ao próprio teto  
Veio pedir pousada.
- Volvido se cuidava à flor da infância  
50 (Tão escuro trazia o pensamento!)<sup>11</sup>  
“Mãe!” exclamava<sup>12</sup> contemplando a moça,  
“Acolhe-me um momento!”
- Vinha faminto.<sup>13</sup> Tibeíma, entanto,  
Que já de outro guerreiro os dons houvera,  
55 Sentiu asco daquele que outro tempo  
As riquezas lhe dera.
- Fora o lançou; e ele<sup>14</sup> expirou gemendo  
Sobre folhas deitado junto à porta;  
Anos volveram; coos volvidos anos,  
60 Tibeíma era morta.
- Quem ali passa, contemplando os restos  
Da cabana, que a erva toda esconde,<sup>15</sup>  
Que ruínas são essas interroga<sup>16</sup>  
E ninguém lhe responde.<sup>17</sup>

---

<sup>11</sup> pensamento!)] pensamento) – em PC1937; pensamento!). – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em MACV1998.

<sup>12</sup> “Mãe!” exclamava] “Mãe!”, exclamava – em OCA2015.

<sup>13</sup> Vinha faminto.] Vinha faminto; – em TPCL.

<sup>14</sup> e ele] ele – em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>15</sup> esconde,] esconde: – em PC1937.

<sup>16</sup> Que ruínas são essas interroga] “Que ruínas são essas, interroga?” – em PC1937; “Que ruínas são essas?” interroga; – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em MACV1998, em PCRR e em OCA2015; Que ruínas são essas interroga; – em PCEC1976 e em TPCL. Esse verso, pontuado de diversas maneiras por muitos editores, merece ter suas palavras dispostas na ordem direta, para que se perceba que ele não demanda qualquer intervenção: “interroga que ruínas são essas”. Trata-se de frase interrogativa indireta, não de discurso direto. Quanto a alguma pontuação no final do verso, observaríamos que final de verso, muitas vezes, tem valor de vírgula. Veja-se, por exemplo, o verso n. 43, que nenhum editor pontuou.

<sup>17</sup> A Nota que acompanha o poema, em PC1937 vem depois do poema, com variantes de pontuação, na p. 338; em PC1953, com variantes textuais e de pontuação, vem antes do poema, na p. 358; em OCA1959, com variantes textuais e de pontuação, vem na p. 348, entre as “NOTAS [DO AUTOR]”; em PCEC1976, com variantes textuais e de pontuação, vem nas p. 440-441, entre as “Notas”, com a indicação de que o poema vem à p. 426 [na verdade, vem na p. 436]; em OCA1994, com variantes textuais e de pontuação, vem na p. 316, entre as “NOTAS[DO AUTOR]”. em MACV1998 não há a Nota; em TPCL, com extensão do título abreviado da obra de Chateaubriand e com uma variante de pontuação, vem nas p. 294-295, entre as “Notas”; em PCRR, com os títulos da canção em francês e da obra de Fernão Cardim com iniciais maiúsculas e a palavra “Mulcogulges” com inicial minúscula, vem na p. 376, entre as “NOTAS”; em OCA2015, com iniciais minúsculas em “Mulcogulges” e “Tamoios”, e sem ponto na abreviatura de “*Amérique*”, vem nas p. 660-661, entre as “Notas de Machado de Assis”.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

AM1875 – *Americanas*, 1875.

MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. *Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis & confrades de versos*. Org. John Gledson. São Paulo: minden, 1998.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

CHATEAUBRIAND. *Voyage en Amérique*. Paris: Gabriel Roux / Arnauld de Vresse, 1857.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. V. p. 4531.

*VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

*VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.